

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária
Departamento de Economia

SÉRGIO PAIVA SIMÕES MARQUES

RA00178566

A QUESTÃO DO OLIGOPÓLIO NA CITRICULTURA BRASILEIRA

São Paulo – SP

2022

A QUESTÃO DO OLIGOPÓLIO NA CITRICULTURA BRASILEIRA

SÉRGIO PAIVA SIMÕES MARQUES

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como um pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas, sob a orientação do Prof. Dr. Áquilas Nogueira Mendes.

São Paulo - SP

2022

Esta monografia foi examinada pelos professores abaixo relacionados e aprovada com nota final _____ (_____).

Nomes legíveis dos examinadores (orientador e demais membros da banca)

Este trabalho é somente para uso privado de atividades de pesquisa e ensino. Não é autorizada sua reprodução para quaisquer fins lucrativos. Esta reserva de direitos abrange a todos os dados do documento, bem como seu conteúdo. Na utilização ou citação de partes do documento é obrigatório mencionar o nome da pessoa autora do trabalho e demais itens da referência bibliográfica.

Marques, Sérgio Paiva.
A Questão do Oligopólio na Citricultura Brasileira/ Sérgio Paiva
Simões Marques – São Paulo, 2022
(55 páginas)

Orientador: Prof. Dr. Áquilas Nogueira Mendes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências
Econômicas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
São Paulo, 2022.

Palavras-chave
Oligopólio, Setor Citrícola, Setor Cítrico, Economia da Laranja,
Economia na Citricultura, Economia no Setor Citrícola

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho monográfico sobretudo à quem me fez ser quem hoje sou: minha família. Sem eles, nada disto seria possível. Aos meus amigos e colegas puquianos que, inicialmente, não acreditavam no desenvolvimento de uma mono com este tema, mas no fim das contas ajudaram a engrandecer o trabalho, diria até que se surpreenderam com o resultado. Aos professores e professoras que me passaram os conhecimentos necessários para realizar tarefas e lidar com adversidades de maneira mais racional, com saber.

AGRADECIMENTOS

Ao corpo docente e funcionários do Departamento de Economia da PUC-SP, que possibilitaram a conclusão desta monografia. Especialmente àqueles que lutam e resistem para que o curso de Ciências Econômicas nos inspire a refletir e agir sobre a realidade de forma crítica, ainda mais em um momento tão difícil como este que passamos nos últimos anos.

Ao meu Orientador Prof. Dr. Áquilas Mendes por todo o suporte e colaboração no processo de elaboração e discussão desta monografia.

Aos meus pais, Elizabeth Paiva e Manoel Marques, que, apesar de inúmeras adversidades, apoiaram-me muito quando decidi cursar Economia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e sempre colocaram à frente minha formação acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar a questão da estrutura de mercado oligopolística de um dos setores do agronegócio mais importantes do Brasil: a citricultura. Uma vez que tal atividade tenha tamanha significância, tanto nacional quanto internacionalmente, faz-se necessária uma exploração da hipótese de soberania imposta sobretudo pelas indústrias e pelos latifundiários. Através de uma revisão literária sistematizada no intuito de encontrar artigos e publicações científicas para corroborar o tema proposto, foram selecionados textos que abordam e relacionam a economia e o oligopólio com o setor citricultor. A partir disto, buscou-se aproximar a teoria contida nestes artigos com a realidade vivida pelos produtores rurais laranjeiros do sistema agroindustrial citrícola.

Palavras-chave: Oligopólio, Setor Citrícola, Setor Cítrico, Economia da Laranja, Economia na Citricultura, Economia no Setor Citrícola

ABSTRACT

The present work aims to analyze the oligopolistic market structure of one of the most important agribusiness sectors in Brazil: citrus. Once such activity has such importance, both nationally and worldwide, it is necessary to explore the hypothesis of sovereignty imposed above all by industries and landowners. Through a systematic literary review in order to find articles and scientific publications to corroborate the proposed theme, texts were selected that address and relate the economy and oligopoly with the citrus sector. From this, we sought to bring the theory contained in these articles closer to the reality experienced by rural orange producers in the citrus agro-industrial system.

Keywords: Oligopoly, Citrus Sector, Citrus Sector, Economy of Orange, Economy in Citrus, Economy in Citrus Sector

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: CONCEITUAÇÃO TEÓRICA ACERCA DO OLIGOPOLIO.....	10
1.1) TEORIA DE MERCADO.....	10
1.2) OLIGOÓLIO.....	14
1.3) OLIGOPÓLIO NO SETOR LARANJEIRO.....	17
CAPÍTULO 2: CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA CIENTÍFICA SOBRE O OLIGOPÓLIO NO SETOR ECONOMICO CITRICOLA NO BRASIL.....	19
2.1) METODOLOGIA PARA A REVISÃO SISTEMATIZADA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS.....	19
2.2) APRESENTAÇÃO E REVISÃO DO QUADRO SÍNTESE.....	24
2.3) ABORDAGENS SOBRE O SETOR ECONOMICO DA LARANJA.....	29
2.4) RELAÇÕES DE OLIGOPOLIO NO MEIO DA LARANJA: O QUE OS ARTIGOS NOS TRAZEM.....	32
CAPÍTULO 3: O OLIGOPÓLIO NA PRODUÇÃO LARANJEIRA NO BRASIL.....	36
3.1) UM BREVE RETRATO DA CITRICULTURA.....	36
3.2) A SOBERANIA INSTITUIDA.....	39
3.3) O QUE DIZEM OS PRODUTORES SOBRE AS INDÚSTRIAS E O OLIGOPOLIO DO SETOR.....	43
3.4) POSSIVEIS SOLUÇÕES PARA PROBLEMAS ADVINDOS DO OLIGOPÓLIO.....	47
CONCLUSÃO.....	51
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

INTRODUÇÃO

A citricultura brasileira, em especial com seu principal produto, a laranja, é um dos sistemas agroindustriais mais dinâmicos e importantes da economia brasileira, sendo o estado de São Paulo o maior expoente nacional, devido à grande presença de pomares e instalação das indústrias processadoras do fruto. Atualmente, o Brasil ocupa a cadeira de maior produtor mundial de laranja, mais de 25% de toda produção mundial sai de terras tupiniquins. E, para além de ter grande representatividade mundial, a citricultura é muito significativa internamente. Em 2016, por exemplo, fora a atividade agropecuária que mais criara empregos em São Paulo, mesmo diante de uma crise enfrentada no setor.

Porém, “nem tudo são flores”. A relação entre o produtor e a indústria, ou seja, quem produz e quem compra a matéria prima para transformá-la, é muito conflituosa. A maneira como é calculado os preços pagos pelo fruto não são translúcidos, inúmeros fatores alteram os valores de maneira a sempre favorecer quem os compra, no caso, as indústrias. O setor apresenta um cenário de desconfiança por parte dos citricultores. Tudo isso ocorre pelo fato deste sistema agroindustrial ser oligopolizado, no qual apenas três empresas detêm cerca de 90% do mercado e fazem com que o produtor não tenha muitas opções de negociação, vendo-se forçados a aceitar algumas situações leoninas.

A presente monografia busca investigar um pouco mais deste grande, porém, pouco explorado setor. Divide-se em três capítulos. O primeiro trará uma conceituação teórica de termos importantes e que aparecerão ao longo do desenvolvimento do trabalho. O segundo capítulo trata-se de uma ampla revisão sistemática de artigos científicos relacionadas ao tema proposto, expondo argumentos dos mesmos. O terceiro capítulo buscará explicar um pouco melhor a citricultura brasileira e sua estrutura de mercado através de artigos e publicações, expondo a percepção dos citricultores com relação ao SAG citrícola e eventuais maneiras de ajustar e tentar contornar os problemas.

CAPÍTULO 1: CONCEITUAÇÃO TEÓRICA ACERCA DO OLIGOPÓLIO

Para o claro entendimento do tema a ser desenvolvido na presente monografia, faz-se necessário, primeiramente, uma boa explicação de conceitos microeconômicos que serão citados e utilizados ao longo deste trabalho. Em vista disto, reservamos os dois primeiros itens do primeiro capítulo para uma explanação teórica. No primeiro subitem trataremos da estrutura de mercado. No segundo, abordaremos a teoria do oligopólio, isto é, buscaremos explicar de maneira conceitual tal espécie de estrutura de mercado.

Por fim, na terça parte do capítulo, apresentaremos uma breve introdução da questão do oligopólio na citricultura.

1.1) TEORIA DE MERCADO

Antes de definirmos o conceito como um todo, destrinchemo-lo: qual o significado da palavra “mercado” para a economia? Esta última palavra é sim importante ser acrescentada, uma vez que o termo “mercado”, em diferentes contextos, possui outros significados. Seguindo uma abordagem mais puritana do neoclassicismo, temos a teorização de que mercado seria um ambiente onde haveria o encontro da oferta, a qual se trata da quantidade disponível de um produto, e da demanda, referindo-se à quantidade que os consumidores querem ou podem adquirir. Em tal ambiente, assume-se que o conceito de mercadoria/produto, perante o consumidor deste, é muito bem delimitado e explícito e, portanto, de fácil assimilação para o comprador.

“Destaca-se, mais uma vez, a insatisfação com o tratamento conferido ao tema pela abordagem tradicional neoclássica. No âmbito da dicotomia concorrência perfeita/monopólio que marca esta escola, o mercado é tratado como um espaço abstrato de encontro de oferta e demanda, adotando-se uma noção de produto como algo absolutamente bem definido e, portanto, perfeitamente distinguido na análise dos consumidores.” (KUPFER, David e HASENCLEVER, Lia, 2002, p.35)

Ainda citando David Kupfer e Lia Hasenclaver, “neste sentido, o mercado reflete, em última instância, o conjunto de empresas produtoras desta mercadoria (...)”.

Por outro lado, para se ter uma melhor definição de mercado, é necessário que haja um alto teor de heterogeneidade de produtos e maiores esforços competitivos por parte das empresas.

“Ao contrário, a suposição de um processo de crescimento da empresa marcado pela crescente diferenciação do produto, além de um movimento de expansão diversificante da atividade produtiva como uma estratégia fundamental, insere um alto teor de heterogeneidade de produto, ao menos no que se refere a percepção dos consumidores. Isto implica uma maior importância analítica da substituíbilidade de produtos e de foco e direcionamento dos esforços competitivos, aspectos que passam a preponderar para uma definição mais adequada de mercado e indústria” (KUPFER, David e HASENCLEVER, Lia, 2002, p.35)

Logo, seguindo tal visão, pode-se dizer que o mercado corresponde à quantidade que os consumidores querem adquirir, ou seja, a demanda, de mercadorias que sejam semelhantes e substituíveis entre si. Já para empresas mais diversificadas, o conceito de mercado envolve também outros espaços concorrenciais em que pode atuar.

“De forma geral, portanto, mercado e indústria representam espaços de concorrência cuja delimitação não é (e não pode ser) estanque – nem no que se refere à definição do produto, nem quanto aos objetivos concorrenciais e de expansão”. (KUPFER, David e HASENCLEVER, Lia, 2002, p.36)

Passando para a análise do conceito em sua totalidade, o termo “estrutura de mercado”, em uma explanação básica, refere-se ao número de empresas que competem entre si, a facilidade com que podem entrar ou sair do mercado e em que medida os produtos são diferenciados dos produtos das concorrentes. Tal estrutura acaba por afetar o modo de concorrência entre as empresas. As estruturas de mercado se responsabilizam por captar as características de como os mercados estão organizados. Cada uma destaca aspectos essenciais da interação de oferta e demanda, pautando-se em características já vistas em mercados existentes. Para se definir qual o tipo de estrutura vigente em determinado mercado, há três variáveis que devem ser observadas: número de firmas produtoras no mercado, diferenciação do produto, e existência de barreiras de entrada à novas empresas.

A concorrência perfeita, primeiro tipo de estrutura de mercado, é dita como uma situação ideal de mercado, na qual há boa quantidade de vendedores e boa quantidade de compradores. Esta não prevê certa coordenação entre as empresas atuando neste mercado. As empresas, a partir de decisões descentralizadoras e sujeitando-se à disciplina de

mercado, são chamadas de tomadoras de preço. Pode-se dizer que o conceito em sua essência exaltaria um cenário no qual haveria um equilíbrio natural nos preços pela relação entre oferta e demanda. Seguindo as variáveis citadas no parágrafo anterior, podemos dizer que neste tipo de estrutura temos: número infinito de firmas; e não existem barreiras de entrada para as firmas.

“Este mercado inclui um grande número de empresas. Estas empresas podem ser grandes, mas não podem ter poder de mercado. Para isso tem que ofertar uma pequena parte da quantidade total vendida no mercado. Dessa forma o tamanho absoluto da empresa deixa de ter relevância. O que interessa é seu tamanho relativo; a parcela do mercado que está sob seu domínio.” (KUPFER, David e HASENCLEVER, Lia, 2002, p.4)

Caracteriza-se também por ter produtos homogêneos;

“Nestas condições, produto homogêneo e ausência de poder de mercado por parte das empresas, cada uma das empresas é tomadora de preço. A sua curva de demanda é infinitamente elástica e cada empresa pode vender qualquer quantidade do produto ao preço do mercado. A curva de demanda do mercado da empresa individual é também a sua curva de receita média e de receita marginal.” (KUPFER, David e HASENCLEVER, Lia, 2002, p.4)

Um último fator dessa estrutura de mercado é o fato de não existirem barreiras para a entrada ou saída de firmas.

O monopólio, por sua vez, define-se como sendo uma estrutura de mercado em que uma, e somente uma, empresa domina e controla um mercado. Isto pode acontecer se esta for a única fornecedora do produto ou serviço ou se possuir uma grande fatia de mercado, o Market Share, do mercado. Caracteriza-se, portanto, por ter uma única empresa, por haver produto sem substitutos próximos, e pelo fato de haver barreiras à entrada de novas empresas.

“O monopólio é a estrutura em que há apenas um produtor no mercado. As causas da existência do monopólio são várias; algumas políticas, outras econômicas e outras técnicas. As principais causas apontadas pela teoria econômica neoclássica são as seguintes: Propriedade exclusiva de matérias-primas ou de técnicas de produção; patentes sobre produtos ou processo de produção; licença governamental ou imposição de barreiras comerciais para excluir competidores, especialmente estrangeiros; o caso de monopólio natural quando o mercado não suporta mais do que uma única empresa, pois a tecnologia de produção impõe que a operação

eficiente tenha economias de escala substanciais.” (KUPFER, David e HASENCLEVER, Lia, 2002, p.12)

Passando para a concorrência monopolística, também chamada de concorrência imperfeita, é interessante dizer que cada empresa funciona como um pequeno monopólio, variando a intensidade dependendo do grau de diferenciação e substituição existentes entre os produtos ofertados. Se o grau de substituição for reduzido, a concorrência será maior, aproximando-se da concorrência perfeita. Se for elevado, a concorrência será mais reduzida aproximando-se, então, de uma situação de monopólio. Embora se assemelhe com a concorrência perfeita no que se refere ao grande número de empresas, a estrutura de concorrência imperfeita caracteriza-se por produzir produtos diferenciados, que pode estar ligada com características físicas (como composição química, por exemplo), pela embalagem, pelo marketing etc.

“O conceito chave da competição monopolística é a diferenciação de produtos. A diferenciação de produtos pode surgir de duas características. A primeira porque os consumidores pensam que um produto é diferente dos demais. A segunda porque os consumidores preferem os produtos que possuem características ou atributos diferenciados e estão dispostos a pagar um prêmio para comprar estes produtos. No primeiro caso, a propaganda e as técnicas de venda desempenham um papel importante. No segundo, características como a localização geográfica ou aspectos técnicos e de qualidade dos produtos fazem a diferença.” (KUPFER, David e HASENCLEVER, Lia, 2002, p.20)

Outros aspectos importantes desta estrutura são que não há barreiras de entrada, ou seja, é livre o acesso de firmas no mercado, e o fato da demanda possuir uma curva inclinada e negativa.

“A definição desta estrutura de mercado afirma que em uma indústria em competição monopolística existe livre entrada e as empresas se deparam com uma curva de demanda negativamente inclinada, e não horizontal como no caso da competição perfeita. Se as empresas entram na indústria toda vez que houver lucros positivos, cada empresa estará em equilíbrio no longo prazo, como em competição perfeita. Se as empresas se deparam com uma curva de demanda residual negativamente inclinada, elas têm poder de mercado”. (KUPFER, David e HASENCLEVER, Lia, 2002, p.20)

1.2) OLIGOPÓLIO

Por último e, para tal trabalho mais importante, trataremos do Oligopólio. Uma vez que a presente monografia trata de uma questão envolvendo diretamente este conceito, um subitem fora reservado para explicá-lo.

O oligopólio é uma estrutura de mercado que ocorre quando um setor da economia possui um número pequeno de empresas ofertando um produto ou serviço. Ou seja, tais empresas, e apenas elas, detêm grande fatia, muitas vezes até mesmo a totalidade, da oferta de determinado produto no mercado.

“Uma especificação adicional foi acrescentada por Kaldor, o qual observou exatamente que cada vendedor está em concorrência direta somente com poucos outros vendedores; que estes outros vendedores estão, eles mesmos, em concorrência com um pequeno número de empresas; e que as cadeias destes grupos oligopolísticos contrapõem todo o mercado. O oligopólio é, na realidade, a condição mais comum”. (LABINI, Paulo Sylos. 1980. p.47)

Tal estrutura aproxima-se em organização da concorrência imperfeita, e, portanto, situa-se entre o monopólio, caracterizado, como já visto, pela existência de apenas uma empresa, e a concorrência perfeita, caso em que há boa quantidade de ofertantes.

“A observação de Kaldor é importante. Sugere que os mercados onde vigora a concorrência imperfeita não estão de todo dispersos e que a unidade relevante para a análise teórica não é tanto a empresa isolada, mas o grupo daquelas empresas que estão em concorrência direta entre si, resumidamente, a teoria do oligopólio se constitui em relação à teoria da concorrência imperfeita, uma posterior aproximação com a realidade.” (LABINI, Paulo Sylos. 1980. p.47)

Em relação às barreiras de entrada de novos produtores, o mercado oligopolista possui dois tipos: as barreiras naturais, que surgem devido à necessidade de se criar economias de escala, patentes, o acesso à tecnologia e a reputação da marca; e àquelas que se devem por ações estratégicas das demais empresas, as quais se utilizam de artifícios para evitar a ameaça de inundação do mercado com produtos para que o preço caia e para controlarem os insumos essenciais.

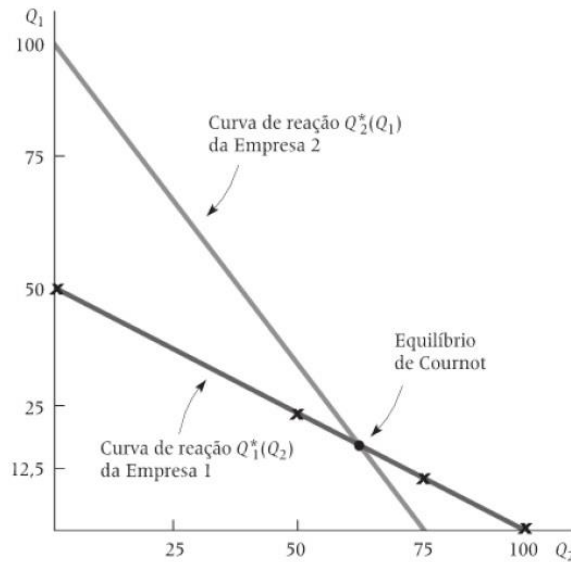
Outras características deste mercado é o fato de os produtos poderem ser tanto homogêneos como diferenciados. Alguns exemplos de setores geralmente oligopolistas são: aço, automóveis, alumínio, petroquímica, entre outros.

Diferentemente da competição monopolística, do monopólio e da competição perfeita, em que não é levada em consideração a reação das empresas rivais ao tomarem suas decisões de produção e preços, no oligopólio os produtores devem tomar decisões de maneira estratégica levando em conta a reação dos concorrentes. Isso ocorre pelo fato de haver poucas empresas detentoras neste mercado, e uma decisão tomada por uma empresa acaba por afetar a(s) sua(s) concorrente(s). Isso significa que em um mercado oligopolista cada empresa faz o melhor que pode em função do que as concorrentes estão fazendo e não tem incentivo para mudar suas decisões de produção e preços.

Ao pensar que as empresas supõem que as demais concorrentes estejam levando em consideração as suas decisões para tomarem as próprias, se dá a base para a determinação do equilíbrio em um mercado oligopolista: o Equilíbrio de Nash. Este diz que cada empresa escolhe a estratégia possível, a melhor, baseada na expectativa da decisão da concorrente.

Quando empresas atuantes do mesmo mercado decidem simultaneamente sobre a quantidade a ser produzida temos o Modelo de Cournot. Ou seja, neste modelo, cada empresa escolhe um nível de produção, tomando como dado o nível de produção de seus concorrentes. Considerando uma situação de duopólio, aquela na qual duas empresas competem entre si, e supondo que a empresa 1 espera que a empresa 2 produza y_2 unidades, se a empresa 1 decidir por uma produção de y_1 unidades, o total produzido será $y = y_1 + y_2$, que leva a um preço de mercado que é função de y_1 e y_2 . Isso pode ser demonstrado graficamente através da curva de reação, que trata-se da relação entre a quantidade de produção que maximiza os lucros de uma empresa e a quantidade que ele imagina que concorrentes produzirão. Visto isso, a produção ótima de uma empresa é uma função decrescente do nível de produção esperado da outra empresa.

No equilíbrio de Cournot, que ocorre quando cada empresa estima corretamente quanto a sua rival produzirá, há, portanto, maximização dos seus lucros. Isso corresponde, graficamente, ao ponto onde as duas curvas de reação se cruzam.



A curva de reação da empresa 1 mostra quanto ela produzirá em função do nível de produção esperado da empresa 2.

Quando ocorre de uma empresa determinar seu nível de produção antes de sua concorrente, está configurado o Modelo de Stackelberg. Neste, diferentemente do que ocorre em Cournot, quando uma decisão é tomada baseada na outra, a empresa 1 determina seu nível de produção antes da empresa 2. Trata-se do modelo que dá vantagem em ser o primeiro. Este modelo é utilizado para descrever mercados de oligopólio onde exista apenas uma empresa dominante, ou líder, no mercado. As empresas menores, chamadas de seguidoras, esperam pelo anúncio da decisão da quantidade de produção por parte da líder para aí sim ajustar esta decisão para sua própria quantidade a ser produzida. Portanto, as empresas seguidoras determinam suas produções a partir da curva de reação de Cournot.

Suponhamos novamente um sistema de duopólio. Neste, empresa 1 é líder e decide produzir uma quantidade y_1 . A empresa 2, então, responde com a escolha de uma quantidade y_2 . Ambas as empresas sabem que o preço de equilíbrio de mercado depende da quantidade total produzida, sendo a demanda inversa de mercado $P(y) = y_1 + y_2$.

Outro modelo muito conhecido e difundido é o de Bertrand. Este se aplica a mercadorias homogêneas ou que não concorrem simultaneamente, decidindo o preço, não mais a quantidade, e funciona como o modelo de Cournot. Trata-se do modelo de concorrência de preços.

Visto o fato de os produtos serem homogêneos no Modelo de Bertrand, os consumidores irão optar por adquirir do vendedor que oferecer o menor preço. Conseqüentemente, se duas empresas cobrarem preços diferentes, aquela com o menor preço abastecerá todo o mercado. Isto é, observa-se que no caso de decisão por preço para produtos homogêneos, há um incentivo à redução de preço e, por conseguinte, o equilíbrio de Nash corresponde ao equilíbrio do mercado competitivo onde $P=CMg$, quer dizer, os preços dos produtos serão iguais ao custo marginal.

Uma crítica feita ao modelo referido é o fato de que, no caso de produtos homogêneos, ser mais razoável supor que as empresas concorram por quantidades, como ocorre em Cournot, do que por preços.

Neste modelo, quando os produtos são diferenciados, as parcelas de mercado de cada empresa dependem não apenas dos preços de seus produtos, mas também de diferenciação no seu desempenho, visibilidade e desejo.

1.3) OLIGOPOLIO NO SETOR LARANJEIRO

O sistema agroindustrial (SAG) da laranja, até cerca de 2012, era caracterizado como um oligopólio concentrado (Fariana;2000), uma vez que era formado por poucas empresas, lidava com um mono-produto, uma commodity, e possuía barreiras técnicas à entrada. A partir de 2012, pode-se dizer que o setor passou a ser visto como um oligopólio do tipo competitivo, devido ao surgimento de algumas pequenas firmas. Tal estrutura de mercado ainda gera altíssima concentração, porém é possível presenciar algumas pequenas e médias empresas (no caso citricultor, pequenas apenas) formando uma franja “competitiva”.

Ao longo dos próximos capítulos, o presente trabalho buscará explorar, através de livros, artigos e publicações científicas, a questão do oligopólio neste setor tão importante para a nossa economia: a citricultura brasileira. Uma vez que o nosso país tem tamanha

importância nesse mercado, 85% de participação mundial, faz-se necessário abordar tal assunto, os possíveis fatores que levaram a tal estrutura de mercado; e questionar até que ponto tal oligopólio é benéfico para a atividade laranjeira, mostrando como este grande setor é afetado.

CAPÍTULO 2: CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA CIENTÍFICA SOBRE O OLIGOPOLIO NO SETOR ECONOMICO CITRÍCOLA NO BRASIL

Para a realização do capítulo que se inicia, fora necessária uma ampla exploração das bibliotecas online, no intuito de encontrar os melhores artigos para corroborar a ideia defendida neste trabalho monográfico. A intenção é justamente ver o que a literatura científica nos traz sobre o tema.

Este capítulo fora dividido em quatro subitens. No primeiro, será apresentada a metodologia utilizada para a realização da pesquisa dos artigos e publicações científicas. Realizada tal etapa, passemos para o segundo subitem, que contará com a exposição e explanação do quadro síntese com as publicações realizado. Já no terceiro, serão apresentadas as abordagens sobre o setor econômico da laranja contido nas publicações selecionadas. Finalmente, no quarto subitem, mostraremos o que os artigos nos trazem da relação entre oligopólio e o setor citricultor.

2.1) METODOLOGIA PARA A REVISÃO SISTEMATIZADA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS

Nesta parte do trabalho apresentaremos a metodologia para o desenvolvimento da revisão da literatura científica, orientada a partir da seguinte pergunta: O que a literatura nacional disponibiliza sobre a relação entre oligopólio e o setor econômico da laranja brasileiro? Faz-se importante realizar tal questionamento para futuramente podermos no embasar para responder se de fato estrutura oligopolista na produção de laranja e seus derivados no Brasil.

Baseando-me neste questionamento, fora realizada uma pesquisa de artigos científicos junto a base de dados disponível na SciELO Brasil. Tal plataforma se trata de uma biblioteca eletrônica que contempla uma extensa coleção seleta de revistas científicas brasileiras.

A primeira etapa desta revisão fora fundamentada exclusivamente em selecionar palavras-chave associadas aos termos da pergunta de pesquisa, sem cruzamento destes, tais como:

1. OLIGOPOLIO

2. LARANJA

3. CITRICULTURA

4. SETOR CITRICO

5. SETOR CITRICOLA

Esta primeira busca feita com o uso individual dos itens-chave resultou em grande número de publicações. Fora um total de 751 produções, vide tabela abaixo:

TERMOS PESQUISADOS	N. RESPOSTAS
OLIGOPOLIO	13
LARANJA	566
CITRICULTURA	159
SETOR CITRICO	2
SETOR CITRICOLA	11

Fonte: Elaboração própria

Ainda realizando as pesquisas de termos, fora feito o cruzamento de itens-chave, no intuito de obter resultados mais específicos ao tema. Realizado isso, foram encontradas 31 publicações, como mostra o quadro abaixo:

TERMOS PESQUISADOS	N. RESPOSTAS
OLIGOPOLIO + LARANJA	0
OLIGOPOLIO + SETOR CITRICO	0
OLIGOPOLIO + ECONOMIA	7
OLIGOPOLIO + SETOR ECONOMICO	0
OLIGOPOLIO + CITRICULTURA	0
OLIGOPOLIO + SETOR CITRICOLA	0
SETOR ECONOMICO + LARANJA	0
ECONOMIA + LARANJA	14
SETOR ECONOMICO + CITRICULTURA	0
SETOR ECONOMICO + SETOR CITRICO	0
SETOR ECONOMICO + SETOR CITRICOLA	0

ECONOMIA + CITRICULTURA	7
ECONOMIA + SETOR CITRICO	0
ECONOMIA + SETOR CITRICOLA	3
OLIGOPOLIO + ECONOMIA + LARANJA	0

Fonte: Elaboração própria

Então, para a realização específica desta monografia, descartando itens muito vagos e artigos não relacionados ao tema, foram selecionados termos relevantes e associativos para escolha das publicações a serem trabalhadas, respeitando a tabela a seguir:

TERMOS CHAVE	N. publicações
OLIGOPOLIO	13
SETOR CITRICO	2
SETOR CITRICOLA	11
OLIGOPOLIO + ECONOMIA	7
ECONOMIA + LARANJA	14
ECONOMIA + CITRICULTURA	7
ECONOMIA + SETOR CITRICOLA	3
TOTAL	57

Fonte: Elaboração própria

Decidiu-se então trabalhar com 57 publicações científicas.

Das 57 publicações, 16 foram retiradas por serem repetidas, restando assim um total de 41 publicações. Como todos os títulos tratam-se de artigos científicos, não foram necessárias exclusões por tal quesito.

Posteriormente, foram analisados os títulos dos artigos, etapa a qual 18 publicações foram descartadas. Logo em sequências, as publicações selecionadas passaram pela leitura dos resumos, resultando a exclusão de mais 7 produções. Para realizar tais descartes, os critérios adotados por mim foram:

1. Não adequação ao tema (10 artigos excluídos.)

2. Artigos Estrangeiros sem contribuição documental (6 artigos excluídos.)
3. Abordagens não econômicas sobre o setor discutido (9 artigos excluídos.)

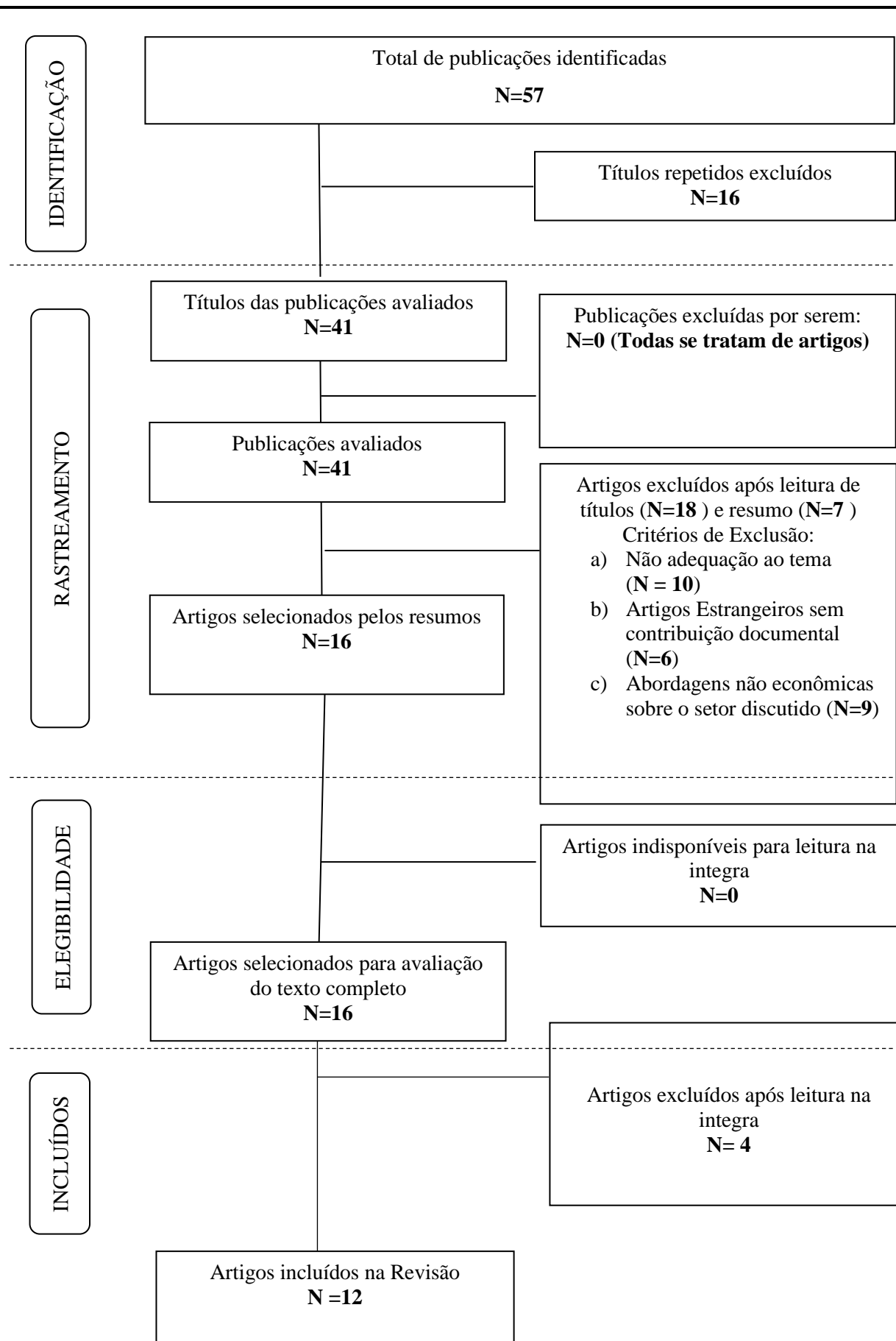
Portanto, na etapa de rastreamento do fluxograma de seleção de artigos, foram retiradas 25 publicações, restando um total de 16 trabalhos selecionados.

Na última etapa da seleção, após a leitura completa dos 16 textos selecionados, 4 foram excluídos por, ainda que no resumo tratassem de parte do tema, em seu âmago não apresentarem abordagem sobre o setor econômico da laranja e/ou abordagem sobre o oligopólio no setor econômico citrícola.

Os restantes e selecionados 12 artigos foram considerados incluídos para efeito de nossa revisão, conforme apresenta o Fluxograma, indicado pela Figura 1.

Na próxima sessão do capítulo serão descritos os principais argumentos dos 12 artigos incluídos, visando evidenciar a presença da estrutura de oligopólio no setor da laranja no Brasil e eventuais consequências disso.

Figura 1. Fluxograma do processo de seleção dos artigos incluídos na revisão



2.2) APRESENTAÇÃO E REVISÃO DO QUADRO SÍNTESE

Para abordar os textos selecionados através dos métodos apresentados na seção anterior, será utilizado um quadro síntese. Neste, após a leitura integral dos artigos, buscou-se resumir alguns pontos. Os tópicos aplicados no quadro ficaram assim definidos:

1. Autor – Ano
2. Metodologia
3. Objetivos
4. Abordagem sobre o setor econômico da laranja
5. Abordagem sobre oligopólio no setor econômico da laranja

Então, a partir da leitura dos 12 artigos selecionados, chegamos ao quadro:

Autor - Ano	Metodologia	Objetivos	Abordagem sobre o setor econômico da laranja	Abordagem sobre oligopólio no setor econômico laranja
Clemente et al; 2015	Análise da eficiência a partir da análise envoltória de dados, a DEA. Pesquisa quantitativa.	Analisar eficiência técnica das propriedades citrícolas de São Paulo, com base em dados obtidos entre 2009 e 2010.	Propriedades citrícolas atuam de forma ineficiente, isto é, devido a diversos fatores, não alocam de forma ótima seus recursos para a produção.	Não aborda
Figueiredo et al; 2013	Exame da evolução das margens brutas de comercialização entre os elos da produção de laranja e do processo para transformá-la em suco e análise da transmissão de preços entre esses dois elos. Pesquisa qualitativa.	Examinar se há indícios de uso de poder de mercado por parte das empresas processadoras de suco em suas transações para com os produtores de laranja.	Crescente concentração da produção citrícola em propriedades maiores, nos latifúndios, e redução da participação dos pequenos e médios produtores. Há também o crescimento acentuado da verticalização da produção.	Utilização do poder de mercado por parte das empresas processadoras de laranja em suas negociações de compra de laranja junto aos citricultores, caracterizando um controle de preços.

Mello; Paulillo; 2009	Questionários e posteriormente entrevistas com os produtores de laranja. Pesquisa qualitativa. Estudo de caso.	Verificar os termos da Economia dos Custos de Transação de Williamson na citricultura.	Processo de verticalização das indústrias em relação à produção agrícola e o fim do contrato-padrão aumentaram a complexidade das relações desse sistema agroindustrial.	Não aborda
Marino; Azevedo; 2003	Aportes teóricos da Economia dos Custos de Transação (ECT) e da Teoria de Organização Industrial (OI) embasam a análise dos efeitos da política brasileira de defesa da concorrência no sistema agroindustrial da laranja. Pesquisa qualitativa.	Averiguar a efetividade da política de intervenção em práticas anticompetitivas, mantendo-se, contudo, a estrutura de mercado vigente.	Assimetrias entre as estruturas de mercado da produção de laranja e do processamento industrial desta tornam curta a efetividade da política de defesa da concorrência proposta.	Não há alterações nas condições de coordenações oligopolistas entre as empresas, ou seja, mantem-se o oligopólio exercido.
Carrer; Hildo Filho; 2015	Foram coletados dados primários junto a uma amostra aleatória representativa de 98 fazendas produtoras de laranja localizadas no estado de São Paulo. Pesquisa quantitativa.	Investigar a existência de economias de escala e de ineficiência de custo na citricultura de São Paulo.	Desde o início da década de 2010 a citricultura passa por períodos de crise e forte instabilidade financeira, com consequente redução na área em produção e saída de milhares de produtores da atividade.	Vantagens competitivas para as grandes propriedades para com as indústrias processadoras, definindo, assim, os preços.
Carrer; Hildo Filho, 2017	Estimativa econométrica de uma fronteira estocástica de custo para teste da eficiência das propriedades citrícolas. Pesquisa qualitativa. Estudo de caso.	Evidenciar o efeito o que ocorre quando se há ajustes nos contratos de compra e venda de laranja em relação à eficiência de custos das propriedades citrícolas.	O setor agrícola brasileiro caracteriza-se pelas disputas nas transações entre os agentes econômicos, dificultando as relações contratuais entre eles.	Existência de muitos agricultores com baixa capacidade de organização contrapondo um pequeno número de grandes empresas processadoras, caracterizando um oligopólio.

Carvalho; Paulillo; 2017	Recorte histórico, documental, qualitativo, exploratório, relacional e intertemporal de múltiplos casos destas relações contratuais formais estabelecidas entre citricultores e empresas processadoras de laranjas. Pesquisa qualitativa.	Responder como a evolução dos diferentes modelos contratuais no meio citrícola explicam, ou podem explicar, os aumentos dos conflitos e disputas do setor.	No setor, a indústria se dá como agente central devido a sua importância na coordenação da cadeia produtiva agroindustrial dos derivados da produção laranjeira (SLCC, SLNC E subprodutos).	Tanto a verticalização, quanto a integração horizontal, e a estrutura oligopolista das empresas processadoras fazem com que haja a diminuição da dependência dos produtores, gerando insegurança para estes.
Costa et al.; 2012	Estudo do comportamento de comércio do Brasil e dos Estados Unidos para o suco de laranja. Pesquisa qualitativa.	Analisar a influência dos subsídios americanos sobre as exportações de suco de laranja do Brasil entre 1991 e 2006.	O setor agrícola é um dos setores mais competitivos e de maior potencial de crescimento do agronegócio brasileiro, sendo que o Brasil já lidera a produção mundial do SLCC, representando mais de 80% das exportações mundiais.	O mercado internacional do suco de laranja caracteriza-se por competição imperfeita.
Mello; Paulillo; 2010	Nível explicativo é considerado o mais indicado para este trabalho. A pesquisa será delineada com base no tipo levantamento de dados. Pesquisa quantitativa.	Identificar os fatores que levam aos produtores laranjeiros a vender para diferentes compradores, assumindo formas plurais de comercializações.	No sistema agroindustrial citrícola podemos verificar que o mesmo produtor é forçado a empregar ao mesmo tempo diversas formas distintas de governança nas transações com os canais de distribuição para que consigo escoar sua produção.	Com o intuito de padronizar os preços e aproveitar as economias de escala, as grandes indústrias processadoras de laranja optam pela estratégia de comprar a produção de produtores maiores, adquirindo apenas uma pequena parte dos mini-fundiários.

Bouroullec; Paulillo; 2010	A metodologia adotada na NEI apoia-se sobre uma teoria, sobre modelos elaborados a partir desses conceitos e sobre testes elaborados para confrontar estas proposições a dados. Pesquisa qualitativa.	Analisar se há o chamado comércio justo nas relações de troca internacionais para com os produtos agrícolas brasileiros, considerando em especial a laranja.	A produção de produtos agrícolas, em geral, é dominada em termos de volume, quantidade (quantidade de produtores) por produtores pequenos e familiares, sendo, portanto, os contratos informais frequentes.	Nas últimas décadas, a citricultura brasileira vem passando por um processo de marginalização e está ocorrendo a saída de produtores menores do setor.
Kalaki; Neves; 2017	Planejamento e Gestão Estratégica de Sistemas Agroindustriais (GESis), baseado em pesquisas exploratórias, que visam buscar e descobrir dados para aplicá-los no desenvolvimento de um plano estratégico para o sistema agroindustrial citrícola brasileiro. Pesquisa qualitativa.	Apresentar um plano para o SAG citrícola brasileiro, aplicando o método de Planejamento e Gestão Estratégica de Sistemas Agroindustriais, no intuito de propor projetos estratégicos para diminuir os problemas enfrentados atualmente pelo setor.	A citricultura trata-se de um setor tanto econômico quanto socialmente importante para o Brasil.	Dentre os demais problemas do setor, temos a concentração da venda, do varejo, em grandes empresas.
Paulillo; 1999	Coleta de dados referentes ao avanço dos serviços na indústria citrícola. Pesquisa qualitativa. Estudo de caso.	Analisar o avanço do setor prestador de serviço, mão de obra, na cadeia agroindustrial no Brasil.	Formação do complexo agroindustrial citrícola brasileiro se dá pela forte presença do Estado e seus estímulos de modernização do parque industrial de bens de capital e agroindustriais.	O setor da laranja no Brasil apresenta uma estrutura oligopolista.

Fonte: Elaboração própria

De acordo com os resultados obtidos por essa revisão de artigos, podemos afirmar que há sim consenso em alguns temas relacionados à produção laranjeira no Brasil, ainda que não haja tanta riqueza de estudos e publicações sobre a laranja inserida no contexto almejado para o trabalho monográfico divulgados.

No que se refere às metodologias empregadas, podemos afirmar que a grande maioria se baseou na análise de dados empíricos, ou seja, obtidos através da ótica dos que trabalham e garantem o setor, e em entrevistas e questionários feitos com citricultores, em um método mais voltado para o investigativo. Afirma-se, então, que a maioria dos trabalhos que se referem ao tema proposto caracterizam-se em sua maioria como pesquisas qualitativas, àquelas que visam coletar informações que não buscam apenas medir um tema, mas descrevê-lo, usando impressões, opiniões e pontos de vista. Apesar de serem minoria, também foram encontrados artigos que são pesquisas quantitativas, uma vez que baseiam seu conteúdo em análise de dados numerais histórico a respeito do tema.

Do ponto de vista dos objetivos dos textos selecionados, é possível previamente classificá-los em cinco blocos de intencionalidade. O primeiro bloco de estudos visa responder questionamentos e expor ideias em relação à eficiência das propriedades produtoras de laranja, para isso analisando a economia dos custos, sempre no intuito de evidenciar ou não uma ineficiência ou eficiência de produção, em alguns casos apresentando ideias para melhor ajustar o(s) problema(s). O segundo bloco foca no estudo das relações de troca entre os produtores de laranja e as empresas processadoras, aquelas que transformam a laranja em produto para venda. O terceiro bloco, por sua vez, tem como ênfase o estudo das políticas voltadas para o agronegócio, visando melhorar e democratizar tal setor.

O quarto bloco, representado por dois artigos, volta-se para o estudo dos contratos presentes no setor laranjeiro, quais os conflitos e benefícios gerados por ajustes nesses tratados.

O quinto e último bloco, o qual contém apenas um artigo, estuda as influências internacionais sofridas pelo setor laranjeiro brasileiro ao longo dos anos.

Entre os artigos, podemos afirmar que nenhum objetiva tratar especificamente sobre o tema cerne desta monografia, mas que este aparece como objeto argumentativo ao longo dos estudos. Ou seja, os objetos de estudo do presente trabalho estão contidos

nos artigos selecionados, mas não como tema principal. Talvez esse seja um dos motivos que faça tal monografia tão importante.

2.3) ABORDAGENS SOBRE O SETOR ECONOMICO DA LARANJA

Seguindo os critérios de análise e classificação propostos para realização do quadro, chegamos à discussão das abordagens sobre o setor econômico laranja. Ao focar nesse tópico, podemos cruzar diversos artigos por suas semelhanças de abordagem, como por exemplo, o evidenciamento em Costa et al; 2012 e Kalaki; Neves; 2017 do fato de a citricultura brasileira ser uma atividade importante tanto internamente, no Brasil, com questões sociais e empregatícias, quanto no mundo inteiro, devido suas altas taxas de exportação, liderando a produção do suco de laranja congelado no mundo.

“O Brasil é um dos países que participa ativamente dos foros de negociações agrícolas; tal comportamento é justificado por apresentar vantagem comparativa e competitiva na produção e exportação de vários produtos agrícolas, entre eles, o suco de laranja. Neves e Jank (2006) destacam que esse setor é um dos mais competitivos e de maior potencial de crescimento do agronegócio brasileiro, com o Brasil liderando a produção mundial de suco de laranja concentrado e congelado (SLCC), representando 80% das exportações mundiais.” (Costa et al.;2012. P.84)

Ainda assim, podemos verificar diferentes tipos de abordagem.

Clemente et al; 2015 afirma que, ainda que a atividade seja expressiva, as propriedades cítricas produtoras são ineficientes, uma vez que não alocam da melhor forma possível seus recursos para aumentar a produtividade. Tal abordagem está relacionado especificamente a questões mais técnicas de eficiências das propriedades. Para os autores, faz-se necessário para elevar a eficiência de produção que haja aumento da educação formal dos produtores rurais, de modo a fornecer maiores conhecimentos técnicos para se produzir.

“Com base nos resultados, confirma-se a hipótese de que as propriedades cítricas atuam de forma ineficiente, ou seja, não alocam de forma ótima seus recursos para a produção. Para elevar a eficiência na produção, faz-se necessário aumentar a educação formal dos produtores, de forma a possibilitar maior conhecimento técnico para a produção.” (Clemente et al.;2015. P.78)

Em suma, o artigo nos traz que a falta de informação e instrução, sempre por parte do elo mais frágil, presentes no meio agro-cítrico acaba por prejudicar a produtividade.

Figueiredo et al; 2013 aborda o fato de que o setor citrícola está sofrendo com a crescente concentração da produção em propriedades maiores, nos chamados latifúndios, e conseqüentemente há redução da importância dos pequenos e médios produtores. Este artigo compartilha com Mello; Paulillo; 2009 a visão atônita em relação à verticalização crescente da produção que vem ocorrendo. Tais práticas ocasionam maior complexidade nas relações desse SAG (Sistema Agroindustrial), gerando mudanças nas condições de negociações entre os agentes do setor, nas quais sabe-se que “quem tem mais, dita as regras”. Ideias essas que corroboram com o apresentado em Carrer; Hildo Filho; 2015, o qual afirma em seu estudo que a citricultura vem passando por um período de instabilidade forte, com redução nas áreas de produção, devido à saída de milhares de pequenos e médios produtores da atividade. Em relação a isso, Mello; Paulillo; 2010 afirma que no sistema agroindustrial citrícola o mesmo produtor se vê forçado a empregar diversas formas distintas de condução nas transações com os canais de distribuição para ao menos conseguir escoar sua produção.

Em contra partida, temos afirmado em Bouroullec; Paulillo; 2010 que, ainda que as grandes processadoras sejam as “protagonistas”, a produção agrícola, em termos de quantidade de produtores, é dominada por produtores pequenos e familiares, o que acaba por institucionalizar contratos informais no setor. É dito também que, para aumentar suas fontes de receita, para não depender do mono-produto laranja, tais famílias vêm batalhando para aumentar e diversificar suas produções.

“Ao contrário do setor industrial, a produção de produtos agrícolas é dominada em termos quantitativos por produtores pequenos e familiares, sendo os contratos informais frequentes. Quando operam em um mesmo ambiente institucional, os produtores rurais têm adotado arranjos especializados para aumentar a produtividade, melhorar a qualidade e a variedade dos produtos, assim como proteger os investimentos em relações específicas.” (Bouroullec; Paulillo;2010. P.762)

Carrer; Hildo Filho;2017 traz a ideia de que o setor agrícola brasileiro como um todo, incluindo o citrícola, é marcado por disputas nas transações entre os agentes econômicos que o compõe, o que acaba por dificultar as relações contratuais, assunto esse que o estudo objetiva elucidar. Também é dito que há sim ações oportunistas por parte

das empresas processadoras de suco, aquelas que compram a laranja para transformá-la posteriormente. É importante dizer que, segundo o artigo, tais situações ocorrem quando existe elevada especificidade de ativo, assimetria de informações e assimetria de poder entre os agentes envolvidos - no qual sabemos que as indústrias sempre serão as ditadoras das regras. Fato esse que é reafirmado em Carvalho; Paulillo; 2017, que nos traz que no setor citricultor, a indústria se dá como agente central, dada a sua importância na coordenação da cadeia produtiva agroindustrial dos derivados da produção laranjeira. Vale ressaltar que o artigo não entra nos méritos deste controle ser positivo ou negativo ao sistema.

Paulillo;1999 busca apresentar uma visão distinta dos demais estudos. Aborda a importância da forte presença do Estado para a formação econômica do complexo agroindustrial citrícola no Brasil. Diz que este estimulou a modernização do parque industrial de bens de capital e agroindustriais. Contudo, também afirma que, de um tempo para cá, as ações do Estado vêm perdendo forças, uma vez que as estratégias empresariais passaram a ter mais força e ditar os rumos do setor citrícola brasileiro.

Ainda sobre as influências do Estado no setor, o artigo de Marino; Azevedo; 2003 tece críticas ao controle governamental através da política de defesa da concorrência instaurada no intuito de evitar práticas anticompetitivas no setor, já que as assimetrias entre as estruturas de mercado da produção de laranja e do processamento industrial desta fazem com que a indústria recupere margem no longo prazo, encurtando os efeitos de tal política de defesa.

“As assimetrias entre as estruturas de mercado da produção de laranja e do processamento industrial, representadas pelas barreiras à entrada e à saída e pela capacidade de coordenação e coalisão tácita, fazem com que a indústria recupere margem no longo prazo, tornando curta a efetividade da política de defesa de concorrência. Somente mudanças na estrutura de mercado, almejando à redução dessas assimetrias, proporcionariam resultados efetivos e duradouros.” (Marino; Azevedo;2003. P.45)

2.4) RELAÇÕES DE OLIGOPÓLIO NO MEIO DA LARANJA: O QUE OS ARTIGOS NOS TRAZEM

Como último tópico do Quadro Síntese, temos o tema que rege este trabalho: Abordagem sobre Oligopólio no setor econômico da laranja. Dos doze artigos selecionados para revisão, dez citam tal estrutura de mercado como presente no setor. Os dois que não abordam diretamente, Clemente et al; 2015 e Mello; Paulillo; 2009, deixam “entre linhas”, uma vez que por vezes citam a desigualdade no setor.

Figueiredo et al; 2013 nos traz que a utilização do poder de mercado por parte das empresas processadoras de laranja é existente nas relações de compra com os citricultores, e que tal situação gera um controle de preços. Como sabemos que apenas 3 empresas detêm mais de 80% da produção, podemos caracterizar tal situação como prática de oligopólio.

“Esse texto apresentou indícios de que as margens brutas da indústria de laranja no Brasil são maiores do que aquelas reveladas por estimativas que consideram apenas a venda de suco (NEVES,2010). Demonstrou também que há indícios de uso de poder de mercado por parte das empresas processadoras de suco de laranja no Brasil em suas negociações de compra de laranja junto a citricultores independentes.” (Figueiredo et al;2013. P.344)

Uma situação que corrobora com isso é vista em Marino; Azevedo; 2003, que nos afirma que o oligopólio existe pois não existe maior controle por parte do Estado. Ou seja, mesmo com as tentativas de políticas de intervenção, a estrutura de mercado vai manter-se, não havendo alteração nas condições de coordenações oligopolísticas.

“Uma vez que o compromisso de cessação (de práticas anticompetitivas no setor da laranja) está fundado em condições de mercado anteriores, não há alterações no poder de mercado das empresas, nem nas condições de coordenação oligopolísticas entre elas. Desse modo, a efetividade da intervenção depende essencialmente da capacidade de monitoramento da agência de defesa da concorrência. Dado que esse monitoramento tende a se arrefecer com o tempo, em decorrência de novos problemas na agenda de defesa da concorrência, espera-se que os resultados positivos da intervenção sejam transitórios, definindo um período de efetividade da política adotada.” (Marino; Azevedo;2003. P.36)

Carrer; Hildo Filho; 2015 afirmam que há vantagens competitivas para os latifúndios produtores - que por vezes são verticalizados e detidos pelas processadoras - nas relações com as grandes empresas, definindo, assim, os preços pagos pela laranja.

Quem sofre são as famílias, pequenos e médios produtores, que acabam tendo que comercializar a produção pelo preço definido por quem vende à larguíssima escala. Em outra publicação dos autores, do ano de 2017, é dito ainda mais explicitamente que o setor é oligopolizado, uma vez que é caracterizado pela existência de grande número de agricultores com baixa capacidade de organização comercializando, realizando trocas, com um diminuto número de grandes empresas cítricas. Paulillo; 1999, em sua publicação sobre a importância da presença do Estado nos subsetores do agronegócio para garantir direitos e igualdades, também afirma existir oligopólio no setor laranjeiro.

“As indústrias passaram a solicitar renegociações de preços e quantidades previamente estabelecidas em contratos de compra de laranja, causando queixas por parte dos citricultores e suas organizações. Muitos citricultores foram levados a acatar involuntariamente os ajustes e reconsiderar suas decisões de produção e de continuidade na atividade. Em grande medida, o citricultor encontra-se fragilizado nas transações devido às especificidades física e temporal do produto (laranja) e à presença de poucos compradores capazes de absorver a grande produção do cinturão citrícola. Há elevada dependência das grandes processadoras (MELLO e PAULILLO, 2009).” (Carrer; Hildo Filho; 2017. P.382)

O artigo de Mello; Paulillo; 2010 corrobora e complementa os fatos explicitados por Carrer; Hildo Filho; 2015 citados no parágrafo anterior. Na publicação, é dito que as grandes indústrias processadoras de laranja vão sempre preferir pela compra das produções de produtores grandes, latifundiários, objetivando padronizar os preços do setor e aproveitar as economias de escala, com isso visando menores custos de produção. Novamente, quem se prejudica são as famílias e pequenos produtores que dependem exclusivamente da venda de diminutas produções para sobreviver.

“Uma dessas restrições é o fato de as processadoras terem interesse na dedicação dos citricultores maiores. Ou seja, a indústria tem como estratégia adquirir toda a produção dos fornecedores maiores e somente parte da produção dos fornecedores menores, completando o mix necessário para o processamento. Essa preferência vem da necessidade que as processadoras têm de garantir regularidade no seu suprimento e consistência na qualidade da matéria prima, de aproveitar economias de escala e obter padronização nos preços.” (Mello; Paulillo; 2010. P.160)

Outro problema destacado pelos artigos selecionados trata-se do fato de essas grandes indústrias possuírem o monopólio da venda, do varejo, dos subprodutos da laranja, gerando grandes dificuldades para o escoamento das pequenas e médias produções, como salientado em Kalaki; Neves; 2017.

Avançando na análise dos artigos, é necessário também considerar a existência do fator da insegurança por parte dos produtores não considerados “gigantes”. Como exposto em Carvalho; Paulillo; 2017, que tem como pano de fundo a discussão sobre a evolução dos contratos aplicados no meio citricultor, as práticas de verticalização da produção, bem como a integração horizontal - que, diferentemente da verticalização, trata-se de uma integração, junção entre a indústria e o latifundiário produtor, no intuito de ambos crescerem e lucrarem – e a estrutura oligopolista presente no setor são fatores que geram a diminuição exponencial da dependência dos pequenos e médios produtores.

“Na perspectiva dos citricultores, esta tipologia de contrato idiossincrático, estabelecida caso a caso, nenhum princípio relacional esteve presente na negociação e no desenho contratual resultante. A integração horizontal e vertical das empresas de processamento e sua estrutura oligopolista diminuem sua dependência dos produtores.” (Carvalho; Paulillo;2017. P.65)

Continua.

“A integração para trás das empresas, com o plantio de pomares próprios, teve o objetivo estratégico de não mais depender dos fornecedores de laranja.” (Carvalho; Paulillo;2017. P.65)

Todos esses fatos citados nos últimos parágrafos culminam em um processo de marginalização que vem surgindo na citricultura brasileira, no qual ocorre a exclusão de boa parte dos produtores menores, fazendo com que estes debandem do setor, uma vez que não têm espaço e dificilmente o conseguirão, uma vez que trata-se de uma competição injusta. É o que se afirma em Bouroullec; Paulillo; 2010.

Para fechar a saga das 12 publicações, temos um texto que aborda a relação internacional e com uma visão mais macro do mercado de suco de laranja. Em Costa et al; 2012 afirma-se que o mercado mundial de laranja é marcado por uma competição imperfeita, isto é, poucos países controlam a produção da laranja e a exportação dos seus derivados.

“O mercado internacional do suco de laranja caracteriza-se por competição imperfeita, isto é, poucos países controlam a produção de laranja e exportação de seus derivados. Helpman (1999) destaca que a presença de economias de escala e diferenciação de produtos fortalecem a tendência para a especialização que, por sua vez, estimula o comércio internacional entre os países. Pelo lado da oferta, as economias de escala resultam em um número finito de firmas na indústria; já pelo

lado da demanda, produtores conseguem obter uma margem para formação de preços.” (Costa et al; 2012. P.86)

O presente capítulo buscou esmiuçar e apresentar uma revisão da literatura científica sobre o tema desta monografia. Ainda que na plataforma de busca utilizada, o SciELO Brasil – Scientific Electronic Library Online – constem inúmeros textos a respeito da laranja, pudemos contar com apenas doze que contivessem informações relevantes e condizentes com tal trabalho. E para definir esta dúzia, foram feitas diversas etapas de seleção, como denotados nesta divisão.

CAPÍTULO 3: O OLIGOPÓLIO NA PRODUÇÃO LARANJEIRA NO BRASIL

Passados os capítulos anteriores, que tinham como objetivo dar base teórica a conceitos importantes, citados inúmeras vezes no trabalho, e realizar uma vasta revisão feita sobre os artigos científicos que tangem o tema proposto pela presente monografia, passemos agora a entrar de fato no tema cerne desta: o Oligopólio exercido na produção de laranja no Brasil. Aqui, buscaremos relacionar tal temática do trabalho, através de textos, livros, dados, e afins, com os artigos incluídos na revisão.

O capítulo estrutura-se dividido em quatro subitens, sendo eles a apresentação de um retrato da citricultura, seguido de uma explanação da soberania instituída no setor. O terceiro tópico por sua vez trará a opinião dos produtores acerca do oligopólio. A quarta parte do capítulo apresentará algumas possíveis soluções para equacionar tal estrutura de mercado que reside no meio laranjeiro.

3.1) UM BREVE RETRATO DA CITRICULTURA

Em termos gerais, tratando-se de mercado global, a produção citrícola, com seus principais derivados, suco de laranja concentrado e congelado – SLCC, é caracterizada por competição imperfeita. Isto significa que poucos países controlam a produção de laranja e sua exportação, estabelecendo, portanto, uma relação oligopolística no cenário internacional. Discussão essa abordada por Costa et al; 2012 em sua publicação.

“O mercado internacional do suco de laranja caracteriza-se por competição imperfeita, isto é, poucos países controlam a produção de laranja e exportação de seus derivados. Helpman (1999) destaca que a presença de economias de escala e diferenciação de produtos fortalecem a tendência para a especialização que, por sua vez, estimula o comércio internacional entre os países. Pelo lado da oferta, as economias de escala resultam em um número finito de firmas na indústria; já pelo lado da demanda, produtores conseguem obter uma margem para formação de preços. Assim, sob competição imperfeita, cada firma individualmente irá adotar escolhas estratégicas para maximizar seus lucros e capturar uma parcela maior do mercado internacional. Assim, os modelos de oligopólio são caracterizados por um mercado com um número pequeno de firmas em que as decisões de preço e quantidade envolvem considerações estratégicas, isto é, cada firma deverá

considerar de que forma suas ações influenciarão seus rivais e quais seriam as prováveis reações destes concorrentes.” (Costa et al; 2012. P.86)

Os Estados Unidos e o Brasil apresentam grande participação na produção de laranja há mais de duas décadas, sendo os estados de São Paulo e da Florida os principais produtores mundiais (EMBAIXADA DO BRASIL, 2005). Desde os anos 80, o Brasil tornou-se o maior e mais competitivo produtor nesse mercado. Atualmente, mantém essa liderança, sendo responsável por cerca de 50% do total produzido no mundo, o que corresponde à uma produção média anual superior à 200 milhões de caixas de 40,8kg. (FAOSTAT, 2012). Tal expressivo número gera 85% de participação no mercado mundial laranjeiro. Segundo Costa et al;2012:

“O Brasil é um dos países que participa ativamente dos foros de negociações agrícolas; tal comportamento é justificado por apresentar vantagem comparativa e competitiva na produção e exportação de vários produtos agrícolas, entre eles, o suco de laranja. Neves e Jank (2006) destacam que esse setor ~e um dos mais competitivos e de maior potencial de crescimento do agronegócio brasileiro, com o Brasil liderando a produção de suco de laranja concentrado e congelado (SLCC), representando mais de 80% das exportações mundiais.” (Costa et al; 2012.P.84)



FONTE: CITRUSBR. Elaboração Própria.

A citricultura, plantio e criação de frutas cítricas, brasileira, a partir de 1962, ano no qual a atividade de exportação destas iniciou-se no Brasil, tem contribuído de forma definitiva para com o desenvolvimento do Brasil. No período, até 2009, o setor arrecadou US\$ 60 bilhões em exportações, mantendo uma média entre US\$1,5 a US\$2,5 bilhões de

dólares faturados anualmente. Disto, cerca de 90% deve-se a venda externa da laranja e seus subprodutos. (NEVES,2010)

“Essa riqueza está distribuída em centenas de empresas diretamente ligadas ao setor, em milhares de propriedades rurais, gerando mais de 200 mil empregos diretos e indiretos, recolhendo impostos, movimentando estabelecimentos como a Escola Técnica Edson Galvão, em Itapetininga-SP; Qualiciclo Agrícola, em Limeira-SP; Citrograf Mudas Cítricas, em Ipeúna-SP; André Brinquedos e Morada do Sol e FMC, em Araraquara-SP; Restaurante Pantheon e a Casa da Cultura, em Matão-SP; Supermercado Alvorada, em Itápolis-SP; Fido Construções Metálicas, em Olímpia-SP; Guarnieri Veículos, em Colina-SP; e outras tantas empresas localizadas nos quase 400 municípios paulistas que se dedicam ao cultivo da laranja, de onde saem 80% da produção nacional. Em todo o Brasil são mais de 3000 municípios onde a cultura está presente.” (NEVES, 2010. p.07)

O consumo da laranja in natura é muito comum no Brasil, onde a fruta é abundante. Porém, na maioria dos outros países, o que se consome é o suco de laranja, que pode ser fresco (espremido em casa, diretamente da fruta) ou industrializado. Na indústria processadora, o suco também pode ser de dois tipos: suco concentrado congelado, cuja água é retirada do suco natural; ou não concentrado, suco pasteurizado sem a retirada de água. Para além destes, temos outros subprodutos, tais como: a polpa, o suco extraído da poupa, óleo da casca de laranja, essência, farelo de poupa, entre alguns outros. Nenhum destes citados possui importância significativa nas exportações, tendo seu foco mais destinado ao consumo interno.

Como outrora dito, sabemos que o Brasil, liderado pela região Sudeste, a qual é responsável por, segundo pesquisa de 2017 feita pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), mais de 82% da produção total, é o maior produtor de laranja do mundo. São Paulo é o estado que mais produz a fruta do país, gerando 77% de toda a produção. De acordo com a EMBRAPA, esta atividade apresenta números expressivos e traduzem boa importância no que tange a economia, como já demonstrado nos anteriores parágrafos deste subitem, e na esfera social do Brasil.

Com cerca de 600 mil hectares e produção de mais de 17 milhões de toneladas (2017), a exportação de suco concentrado, mais significativo derivado da fruta exportado por nosso país, gerou cerca de 2 bilhões de dólares em 2018 segundo a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). Além disto, tal atividade é responsável por gerar direta e

indiretamente cerca de 400 mil empregos na área rural. Tal importância econômica e social da citricultura brasileira é um dos assuntos mais abordados por Kalaki; Neves; 2017 em sua publicação.

“(…)Esta pesquisa se justifica pela importância econômica e social da cadeia citrícola para o Brasil: na promoção de renda para os produtores rurais, na geração de milhares de empregos diretos e indiretos, na arrecadação de impostos, no crescimento da economia do país, entre outros benefícios de uma cadeia bem consolidada e estruturada, e pelas dificuldades que esta cadeia vem enfrentando na última década” (Kalaki;Neves;2017.P.339)

Contudo, podemos observar que a cultura de laranja vem perdendo representatividade nos últimos anos. Segundo dado do IBGE, de 2011 para 2017, cerca de 130 mil hectares de laranja foram eliminados no Estado de São Paulo, queda essa de cerca de 23% em termos de área, refletida em 6,5% de diminuição da produção frutífera. Em vista disso, pode-se afirmar que o principal motivo para tal retração nas áreas laranjeiras do estado foi o recente período de crise na citricultura, que gerou êxodo de diversos produtores da atividade, como exposto em Carrer; Souza; 2016. Nas safras de 2012/13 e 2013/14 por exemplo, as indústrias processadoras acumularam elevados volumes de suco em estoque, o que gerou significativa redução da necessidade de matéria prima (CitrusBR;2018). Com isso, o preço pago aos citricultores pela fruta caiu drasticamente, gerando abandono do setor por parte de muitos.

3.2) A SOBERANIA INSTITUIDA

A citricultura no Brasil, em especial a paulista, pode ser caracterizada por um grande número de pequenas propriedades, e um pequeno número de grandes propriedades. Conforme dados expostos pela Coordenadoria de Defesa Agropecuária do estado de São Paulo (CDA), em 2016 havia cerca de 10 mil propriedades citricultoras no estado. Destas, apenas 3% possuía mais de 100 mil plantas na propriedade. Apesar disso, essas 3% representavam quase 60% da quantidade total produzida no estado de São Paulo. Ou seja, apesar de diminuto o número de grandes fazendas produtoras, elas dominam o setor produtivo. Tal situação de vantagens para as grandes propriedades é evidenciada no texto de Carrer; Hildo; 2015.

“Para Neves (2010), a atividade citrícola é caracterizada por significativas economias de escala, o que, por sua vez, implica em vantagens comparativas para as grandes propriedades. Utilizando dados do Lupa (1995,2007), Fagundes et al;2010 constataram que o percentual de plantas em unidades de produção com mais de 100 mil pés de laranja aumentou de 28% em 1995-1996 para 42% do total das plantas em 2007-2008. Nesse mesmo período, as unidades de produção com até 20 mil pés (pequeno porte) tiveram redução de 40% para 28% do total das plantas de laranja do estado de São Paulo. Dados mais recentes do CDA (2012) mostram que 347 propriedades de grande porte (com mais de 100 mil pés de laranja) concentravam, em 2012, 47% do total de árvores do cinturão citrícola paulista, à medida que as 13.447 pequenas propriedades (com menos de 10 mil pés de laranja) possuíam apenas 17,5% das árvores do cinturão. Esses dados indicam que grande parcela da produção de laranja do estado de São Paulo esta concentrada em grandes propriedades rurais.” (Carrer; Hildo Filho; 2015.P.52)

Apesar de tamanhas safras e importâncias numéricas da laranja em nosso país, apenas três empresas controlam mais de 80% da cadeia de produção laranjeira no Brasil. São elas a Cutrale, Citrosuco e Louis Dreyfus. Tal oligopólio, como visto em Figueiredo et al;2013, gera problemas, dentre outros, quanto ao controle exercido pelas companhias sobre o preço da laranja.

Tal cenário exposto nos parágrafos acima acaba por agravar as dificuldades enfrentadas pelo pequeno produtor, uma vez que este está inserido em um mercado cuja concentração se faz presente tanto pelo lado da oferta, já que existem poucos produtores de maior porte com a maior parte da produção, quanto também pelo lado da demanda, uma vez que existem poucas grandes empresas/industrias compradoras do fruto.

“O interior do Estado de São Paulo tem um dos mais importantes segmentos do agronegócio em todo mundo. Um setor que já trouxe mais de US\$50 bilhões, gera 400 mil empregos e responde pelo único produto exportado pelo Brasil com participação de 80% no mercado mundial. Esse setor é a citricultura. Apesar de contar com um respeito internacional enorme, aqui no Brasil o mais comum é associar o setor a uma imagem negativa, graças às notícias de cartel, doenças e pragas, terceirização ilegal, expulsão de pequenos citricultores, o fim da defesa citrícola, exploração da mão de obra e outras. Temos uma incrível capacidade destrutiva com uma cadeia tão positiva para a economia. Sempre vi na cana-de-açúcar o setor mais injustiçado. Mas agora o título foi para a laranja.” (NEVES, 2015, p.165)

Para ter-se um exemplo, em relação à produção de laranja, o total em 2006 foi de aproximadamente 18 milhões de toneladas, sendo que 98% dessa produção concentrou-se nas mãos de apenas 10 grandes produtores – cerca de 1.767.167 milhão de tonelada para cada produtor, em média. (NEVES,2010). Produtores estes que vendem a fruta para as indústrias que as processarão pelo preço que melhor os convém, no intuito da obtenção máxima de lucros, gerando de certa forma uma grande padronização nos preços e, por muitas vezes, prejudicando pequenos e médios produtores que não tem grandes escalas de produção, e conseqüentemente não obterão valores suficientes para lucrar e por vezes até mesmo custear sua operação. Esta afirmação fica evidente nas publicações de Figueiredo et al;2013 e Carrer; Hildo Filho; 2015.

Apesar disto, podemos afirmar que a concentração industrial é mais acentuada que a produção agrícola, haja visto o pequeníssimo número de grandes compradoras da laranja (Ito; Zylberstajn;2016). Faz-se importante citar também que muitas destas grandes propriedades produtoras são bens das grandes industriais, uma vez adotado o sistema de integração vertical. Os pomares que não são detidos pelas indústrias são denominados “citricultura independente”, e estes possuem em muitos casos dificuldades para comercialização de laranja, observado em Paulillo; Neves;2015.

“A citricultura independente – isto é, os pomares que não são da indústria- continua com dificuldades na comercialização de laranja e perdendo participação na venda para o setor processador de suco desde os anos 90. As três grandes processadoras estão aumentando a participação total de pomares paulistas e concentrando cada vez mais a industrialização do suco – por meio de fusões e aquisições.” (Paulillo; Neves;2015. P.461)

Em relação às indústrias de processamento, podemos caracterizá-las como sendo de grande porte, já que a atividade de suco depende de economias de escala para “existirem”. Elas realizam todo o processo produtivo: desde o recebimento do fruto até a comercialização. Em geral, são mono-produtivas, ou seja, não produzem outros tipos sucos, especificando os investimentos. Um aspecto destas indústrias de suco de laranja que tem cada vez mais se acentuado é o grau de concentração. Por exemplo: na década de 70, cinco empresas respondiam por 75% do mercado, como visto na publicação de Paulillo;1999. Dez anos depois, na década de 80, quatro empresas detinham 90% deste mercado. Houve ligeira queda, e em 1999, três empresas passaram a controlar 75% do mercado. Porém, mais recentemente, em 2015, o ápice de 1985 fora superado: três

empresas (Citrosuco, Cutrale e Louis Dreyfus) passaram a deter 90% do mercado de suco de laranja, de acordo com Neves; Kalaki; 2015.

Como exposto no texto de Figueiredo et al; 2013, com trecho citado no capítulo anterior, a partir de análises das margens brutas da comercialização e da transmissão de preços no mercado laranjeiro, foi possível averiguar que há sim uso de poder de mercado por parte das empresas processadoras de suco em suas transações de compra do fruto junto a citricultores independentes. Salienta-se, portanto, que não somente o setor produtor de laranja, mas também a repartição de seu principal derivado, o suco concentrado, no Brasil possui uma relação oligopolista estratégica, na qual a estrutura de mercado é caracterizada por poucos participantes dominando o mercado, ou seja, um pequeno número de empresas com alto grau de concentração local, ou poder de mercado.

“A análise de transmissão de preços demonstrou indícios de exercício de poder de mercado, cujos resultados principais foram: Quando os preços do suco (recebido pela indústria) estão caindo, há variações significativas dos preços da laranja (pago aos produtores). Entretanto, não há variações estatisticamente significativas quando os preços do suco estão subindo; Acréscimos nos preços de suco tem repasse zero para os preços ao produtor no curto prazo, enquanto os decréscimos são repassados de forma significativa, em uma proporção de 44,4% das flutuações negativas imediatas ou de curto prazo nos preços da indústria; Os decréscimos de preços da indústria são repassados ao produtor no mesmo período em que ocorre a variação negativa, sendo estatisticamente significativo a 10% de probabilidade; Os acréscimos nos preços de suco não são repassados ao produtor no exato momento em que ocorre a alteração positiva dos preços.” (Figueiredo et al; 2013. P.344)

Pode-se afirmar que houve também problemas socioeconômicos de abandono do setor e desemprego no meio ocasionados por tal estrutura instituída. Por causa da questão da oligopólio, e também pela verticalização na produção exercida pelos detentores do mercado, característica marcante no meio agro para se estabelecer grandes controles, no setor laranjeiro de 1995 até 2017, segundo a Associação Brasileira de Citricultores (ASSOCITRUS), houve diminuição de 26 mil para 5,5 mil no número de produtores de laranja no Brasil. Com isso, algo em torno de 200 mil empregos foram perdidos. Em Carvalho; Paulillo; 2017 fica evidenciado que, segundo os próprios agentes produtores do setor cítrico, os contratos estabelecidos entre os fornecedores dos frutos e as empresas que as compram são leoninos, ou seja, no fundo são muito mais vantajosos para uma das partes. Também afirmam que a integração horizontal e vertical destas empresas é

proposital, não ocorrera de maneira espontânea como muito fala-se, objetivando não mais depender dos fornecedores de laranja, gerando grande insegurança e até abandono da atividade.

“O atual sistema de produção industrial, que incentiva a produção baseada na economia de escala, rendimento por hectare, aliado ao avanço de pragas e doenças e a integração vertical para trás da indústria de suco, tem corroborado para a saída de pequenos citricultores da atividade. Somente entre 2001 e 2009 houve uma redução no número de citricultores que possuíam menos de 10 mil pes de laranja na ordem de 15%.” (Paulillo; Neves; 2015. P.462)

3.3) O QUE DIZEM OS PRODUTORES SOBRE AS INDÚSTRIAS E O OLIGOPOLIO DO SETOR

Diante da situação vivenciada pelo setor, Fernanda Palmieri e Margarete Boteon (2018) realizaram entrevistas publicadas em artigo pela Citrus Research & Technology abordando diferentes assuntos sobre o meio citricultor brasileiro. Categorias como a grande indústria como sendo a solução dos problemas, a grande indústria como sendo causadora de problemas, a concentração industrial que influencia nos resultados do produtor, as pequenas industriais que surgem como opção diante da falta de opções, e a diversificação como estratégia de menor dependência.

O primeiro tema abordado, em relação às grandes indústrias como solução de problemas, ainda que esta possua características negativas na visão dos produtores, é consensual a importância das grandes processadoras para o mercado da laranja, uma vez que é a solução para o escoamento de toda a produção, sendo mais de 80% de toda produção sendo destinada para este segmento, como escrito em Ito; Zylberstajn; 2014. Segundo palavras de próprios entrevistados, a indústria pode ser definida como um “mal necessário” e utilizam a expressão “ruim com elas, pior sem elas”. Outro ponto levantado a favor dessas grandes empresas é pelo fato de possuírem forte poder de barganha no mercado externo, boa possuem credibilidade e são “boas pagadoras”, não havendo problemas de inadimplência ou atraso. Segundo Carvalho; Paulillo; 2017, a indústria é tida como fulcral para o setor:

“A centralidade da indústria no setor decorre da importância deste como agente coordenador da cadeia produtiva agroindustrial do suco de laranja concentrado e congelado (SLCC), do suco de laranja não-concentrado (SLNC) e dos subprodutos da laranja.” (Carvalho; Paulillo; 2017. P.52)

Sobre as indústrias processadoras como causadora de problemas, contrapondo o primeiro assunto abordado, permite aos produtores afirmarem que tais industriais são tanto a solução quanto a causa dos problemas. Dos 10 produtores que foram entrevistados, a esmagadora maioria afirmou que, ainda que seja possível reconhecer a importância para o setor, elas possuem pontos negativos e limitações.

Um importante motivo pelo qual a indústria é vista como causadora de problemas aos citricultores é pela estratégia de integração vertical para trás adotada. Segundo um dos entrevistados, elas estão cada vez mais plantando laranja, aumentando a participação das laranjas próprias no total da citricultura. Tal postura intenta diminuir a dependência dos produtores.

“Integração vertical para trás: as indústrias passaram a adquirir ou arrendar terras para a formação de pomares próprios. O processo de verticalização foi iniciado pela Cargill e depois adotados pelas demais empresas do setor. Vale ressaltar que a Royal Citrus, a Cambuhy e a Citrovia já iniciaram suas atividades nos anos 90 com plantio próprio de laranja. A integração vertical para trás permitiu às indústrias diminuir sua dependência dos produtores e assegurar a formação de estoques de suco de laranja concentrado.” (Barbosa; Gitahy;2016. P.17)

A questão da integração vertical é tema cerne, no que se refere ao setor cítrico, na publicação de Mello; Paulillo;2009. Segundo estes, o processo de verticalização das indústrias em relação à produção agrícola, somada à questão do fim dos contratos-padrão, acabam por aumentar a complexidade e conflitos nas relações deste sistema agroindustrial.

“No âmbito das relações cítricas, o processo de integração vertical da indústria em direção à produção agrícola e o fim do contrato-padrão aumentaram a complexidade das relações neste sistema agroindustrial, alterando condições de negociação entre os agentes produtivos e impondo novas formas contratuais de compra e venda da laranja. Esses fatores aumentaram o poder de barganha da indústria nas transações com os citricultores, limitando o conjunto de formas de coordenação disponíveis para esse agente.” (Mello; Paulillo; 2009. P.679)

A procura das processadoras por garantir parte de sua matéria prima também ocasiona no tratamento diferenciado para com grandes produtores, segundo o que contam os entrevistados. Mello; Paulillo;2010 atestam tal postura, e relatam ser interessante para elas ter o grande produtor como fornecedor exclusivo, já que acarretará alta regularidade no suprimento e baixa ociosidade das indústrias, gerando as economias de escala. Então, segundo o que dizem, a laranja do pequeno e do médio produtor trata-se de um complemento ao volume programado, gerando certa incerteza e insegurança.

Um outro fator importante citado nas entrevistas trata-se da questão das precificações e contratos. Um dos entrevistados afirmou que as grandes processadoras foram culpadas sim pela saída de muitos produtores da atividade, uma vez que pagaram preços abaixo do custo de produção da fruta em anos recentes. Como já citado nesta monografia, tal diminuição no setor é confirmada por dados da CDA (2016), a qual indica que em 4 anos, cerca de 7.500 propriedades citricultoras foram perdidas. Outrora apresentada e citada a publicação de Figueiredo et al;2013, que aborda a questão da transmissão dos preços da fruta das indústrias para com os citricultores, fica evidente que os contratos firmados entre produtor e indústrias são motivos de conflitos. Segundo os entrevistados, estes possuidores de contratos de longo prazo com indústrias, os preços praticados são diferentes dos acordados pelos contratos, uma vez que estes sejam considerados altos em determinado ano. Ou seja, dependendo do que está ocorrendo no mercado da laranja, a processadora “obriga” os produtores a aceitarem uma redução nos valores. Entretanto, quando ocorre o oposto, no qual os valores do contrato ficam abaixo do patamar de mercado, as indústrias não realizam renegociações.

Ito; Zylberztajn;2016 observam que o setor laranjeiro brasileiro utiliza-se de contratos como veículos de poder econômico, haja visto que os produtores não têm poder para influenciar no processo de seleção de termos nos contratos firmados. Para além disso, as processadoras já foram acusadas de usá-los para aumentar seus lucros deliberadamente.

O próximo tópico abordara a questão da concentração industrial como influenciadora dos resultados do produtor. Sobre isso, como já ficara evidente, a indústria de suco de laranja apresenta características oligopolísticas, exercendo elevado poder de mercado, tendo estrutura concentrada na distribuição global do suco de laranja, bem como na compra de matéria prima, configurando um oligopsônio, como afirmado em Carrer; Hildo Filho; 2015.

[...] Esse SAG é caracterizado pela existência de um número grande de agricultores com baixa capacidade de organização horizontal vis a vis um pequeno número de grandes empresas processadoras, caracterizando-se um oligopsonio. As empresas têm adotado um conjunto de estratégias comerciais que são representativas do seu poder nas negociações junto aos agricultores, tais como o aumento na proporção da produção própria de laranja (integração vertical parcial), atraso nas compras de laranja dos fornecedores independentes e diferenciação de preços segundo o tamanho do fornecedor.” (Carrer; Hildo Filho; 2015. P.383)

Os produtores entrevistados consideram que a concentração industrial do SAG citrícola influencia diretamente seus negócios, resultando em reflexos negativos. Segundo eles, os principais pontos apresentados foram a falta de concorrência, já que existem apenas três opções de comercialização, gerando aumento expressivo da dependência do produtor, e o poder de mercado das indústrias. Um dos entrevistados afirma que o risco da atividade seria menor caso houvesse mais opções de comercialização, com uma concorrência maior, inclusive com chances de melhor remuneração.

As poucas empresas disponíveis para comercialização, por sua vez, são inclusive acusadas por um dos produtores ouvidos por formação de cartel. Segundo Silva; Ralha; 2010, a formação de cartel trata-se de um acordo entre concorrentes com o objetivo de fixar preços ou cotas de produção, dividindo clientes e mercados de atuação, eliminando a concorrência. Como visto em Ito; Zylberztajn; 2016, a formação de cartel na citricultura brasileira teria acontecido através de acordos para a compra de matéria prima, utilizando contratos a termo para aumentar os lucros deliberadamente. Pelo que sabemos, a acusação não é leviana, uma vez que houve investigações do CADE, órgão de defesa econômica, e fora determinado o pagamento de mais de R\$300 milhões como contribuições pecuniárias, envolvendo nove pessoas físicas. Pode-se afirmar então que as indústrias já abusaram de seu poder de mercado, inclusive através de práticas ilegais de cooperação. Em trecho extraído de Figueiredo et al;2013, fica exposta a situação.

“As relações entre citricultores e as empresas processadoras de suco de laranja no Brasil têm sido conflituosas, com denúncias de descumprimento de cláusulas contratuais e de uso de poder de mercado. Em 1995, as empresas processadoras assinaram um Termo de Cessação de Conduta anticoncorrencial, determinado pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) quando foi estabelecido o fim do contrato padrão. Em 2004, a Polícia Federal fez uma operação de apreensão de documentos, conhecida como Operação Fanta, recolhendo supostas provas de que o conluio entre empresas processadoras para fixação de preços ao produtor de

laranja não havia se extinguido. Em 2011 e 2012, fracassaram as negociações entre representantes da citricultura e da indústria com o objetivo de formar o Conselho dos Produtores de Laranja e das Indústrias de Suco de Laranja (Consencitrus) nos moldes Consecana, evidenciando que os conflitos ainda permaneciam” (Figueiredo et al;2013. P.332)

Por outro lado, o oligopólio no setor pode sim ter um lado positivo. Nas palavras de um entrevistado: *“Eu acho negativo (o oligopólio), porque você reduz a concorrência. [...] Ele tem um aspecto unicamente positivo que eu vejo é que são indústrias fortes, economicamente solidas.”*

Pode-se dizer, então, que a concentração e organização industrial é vista como positiva no sentido de garantir solidez ao mercado.

3.4) POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA PROBLEMAS ADVINDOS DO OLIGOPOLIO

Com a crise que vivenciara o meio produtivo citricultor em 2012, crescera o número de pequenas indústrias laranjeiras. Ainda que não tenham um número expressivo, e que não se tenha informações quantitativas precisas, sabe-se que elas surgiram uma vez que os preços oferecidos pelas grandes industriais, no âmbito da crise, foram demasiadamente baixos, considerando também que havia excedente de frutos no mercado. Tal cenário acabou levando citricultores a optarem por abrir suas próprias indústrias no intuito de escoar suas próprias frutas. Como visto em Ito; Zylberztajn;2014, tal exercício de produtores abrirem sua indústria para processamento de sua matéria prima denomina-se integração vertical para frente.

Em termos gerais, as pequenas empresas são sim vistas com bons olhos pelos citricultores, uma vez que, com a presença expressiva delas, aumentaria bastante o número de compradores de matéria prima e ajudaria no desaguamento da laranja. Segundo um entrevistado, “quanto mais indústrias existirem, melhor”. Entretanto, acredita-se também que tais pequenas indústrias não virão a ser grandes um dia: *“Não que elas vão virar grandes, mas vão se fortalecer, vão dar um trabalhinho aí.”*

Apesar de serem consideradas como opções, ocorre que, em geral, as pequenas industriais são consideradas como opção na falta de opções, isto é, segundo boa parte dos produtores entrevistados, elas são procuradas, na maior parte das vezes, quando não se há

alternativas de escoamento junto as grandes indústrias. Raramente serão consideradas a primeira escolha. Ainda assim, dentre o grupo entrevistado, um produtor afirmou negociar apenas com pequenas indústrias para não mais depender das grandes processadoras. Segundo ele, um benefício ao fazê-lo é poder negociar diretamente com o(s) dono(s) da empresa.

Acontece que, talvez por se tratar de empresas novas no setor e por ainda serem pouco representativas, essas pequenas industriais ajudam, mas fazem um trabalho considerado marginal, sem muita representatividade. O oligopólio do setor laranjeiro, por se tratar de um competitivo, é marcado justamente por grandes empresas dominarem o mercado, enquanto as menores trabalham na chamada franja, dependendo de mercados marginalizados. Isso acaba por gerar um cenário suscetível para estas empresas, as quais ou tem fechado sem gerar maiores rendas para os proprietários ou geram certa consolidação (a ponto de “incomodar” as grandes indústrias) e são compradas por elas. É o que conta um dos entrevistados: *“Algumas pequenas indústrias estão fazendo um pouco de barulho, mas isto de uma hora para outra vai sumir, (...) as grandes vão engolir.”*

Outro ponto levantado é relacionado à questão de pagamentos. Segundo os produtores, as pequenas indústrias não têm a mesma credibilidade, e, portanto, não proporcionam a mesma segurança de recebimento que as grandes indústrias. No caso de alta demanda por matéria prima, as pequenas industriais precisam pagar valores acima dos pagos pelas grandes para que sejam vantajosas aos produtores, o que acaba por gerar aumento nos custos para a produção, dificultando a sua competitividade.

Um eventual manejo proposto pelos citricultores, no intuito de contraditar as grandes indústrias, que preferem negociar com grandes produtores, como visto em Mello;Paulillo;2010, seria que as pequenas industriais fossem uma opção de escoamento para apenas os pequenos produtores, uma vez que estes são os que mais tem dificuldades na comercialização de sua laranja. Com isso, a pequena indústria exploraria as oportunidades de parceria com citricultores de pequeno porte.

“Do lado da demanda, particularmente no caso da indústria de suco, a necessidade de manter regularidade no suprimento para garantir ocupação da sua capacidade produtiva, de se beneficiar das economias de escala e de garantir consistência na qualidade da fruta processada (para reduzir custos de mensuração e coibir comportamentos oportunistas), faz com que esse comprador prefira adquirir laranja

dos produtores maiores mediante arranjo contratual. Portanto, interessa às processadoras ter o grande produtor como dedicado, vendendo toda a sua produção exclusivamente para ela, o que justifica a ocorrência de poucos produtores grandes empregando formas plurais.” (Mello; Paulillo;2010. P.147)

Uma outra possível solução para os problemas do oligopólio no setor seria a diversificação. É fato que a indústria é o canal de distribuição preferido do citricultor, como afirmam Mello; Paulillo ;2010. Porém, pelo fato de haver grande concentração no meio, diversos produtores acabam buscando diminuir sua dependência. Um dos entrevistados, por exemplo, conta que não tem a indústria como sendo sua principal fonte de receita, ainda que trabalhe com ela. Este disse que os produtores que dependem exclusivamente da indústria talvez tenham uma situação mais delicada dentro da atividade citrícola.

“Ao analisar o lado da oferta, é possível concluir que, diante das restrições de escala colocadas pela indústria, que dá preferência para os produtores maiores, o citricultor aproveita para escoar pelo menos parte de sua produção para esse canal, tendo garantia de venda, confiança no relacionamento e no recebimento, que são assegurados pelo controle que o próprio contrato exerce. Por outro lado, recebe preços menores em função do baixo poder de barganha e arca com custos de transporte e colheita da fruta, o que acaba se refletindo num lucro líquido menor para o produtor.” (Mello; Paulillo;2010. P.148)

A diversificação, portanto, trata-se sim de uma opção.

“A barreira da escala de comercialização, ou seja, a preferência pela compra de toda produção dos citricultores maiores, contribui para explicar o efeito positivo que essa variável tem sobre a probabilidade de adoção de formas plurais (diversificação). Como os produtores menores têm dificuldade de escoar toda sua produção para um único comprador, a participação em organizações como sindicatos e entidades de representação setorial aumentam suas chances de obter informações essenciais à negociação com outros canais de distribuição, de ampliar seu poder de barganha e, conseqüentemente, de atuar em outros arranjos que não os contratuais com a indústria.” (Mello; Paulillo;2010. P.149)

Para Paulillo; Neves; 2015, para que os produtores que desejarem continuar na atividade citrícola, o mercado de laranja in natura é uma opção. Esta atividade demanda um trato do pomar diferente da industrial, priorizando a qualidade do fruto, com conseqüente geração de mais valor à laranja. Um dos entrevistados afirma que o mercado

de mesa é uma ótima opção para os produtores que possuem qualidade embarcada em suas produções, considerando também a localização geográfica do pomar como sendo fator importante. Outro entrevistado afirma que tal opção pode garantir a obtenção de preços melhores para pequenos produtores: “ *os pequenos produtores que eu conheço estão se direcionando para a mesa bem cuidada, porque eles acham que aí podem ter uma agregação de valor que permite cuidar.* ”.

Uma adicional vantagem do mercado de laranja in natura trata-se do fato de este não demandar custos logísticos, isto é, o frete é pago pelo comprador. Como visto em Mello; Paulillo; 2010, para além do frete, o mercado de laranja de mesa é um canal alternativo à indústria, gerando benefícios ao produtor tais como a falta de barreiras de escala; os maiores preços, que acompanham as variações de mercado, já que são negociados no momento da venda; a liberdade de prospecção de clientes, uma vez que a venda não é exclusiva para indústria, como por vezes acontece; dentre outras.

“[...] Outra opção para o citricultor, utilizada em menor proporção na região analisada, é vender toda a produção via mercado spot para os membros dos canais alternativos, sobretudo para os barracões (que compram quantidades maiores de laranja). As principais vantagens ao produtor desta segunda alternativa são os preços maiores, o recebimento à vista, a cobertura das despesas de colheita e transporte pelo comprador, a possibilidade de vender as frutas temporãs e variedades não desejadas para o processamento e a redução de riscos associados à possível incompletude dos contratos realizados com a indústria.” (Mello; Paulillo;2010. P.160)

O termo “barracões” utilizado refere-se à celeiros, espaços amplos que servem, neste caso, para o armazenamento de laranja, que posteriormente será negociado e transportado para varejistas, comerciantes, intermediários etc.

CONCLUSÃO

O objetivo desta monografia, ao longo dos parágrafos, fora uma tentativa de explorar um pouco mais de um dos subsectores do agronegócio mais rentáveis e importantes para a economia brasileira: a citricultura. Mais precisamente, escrutinar e explanar a estrutura de mercado que marca tal sector: o oligopólio. Procurou-se responder se há de fato o oligopólio no sistema agroindustrial da laranja, os possíveis factores que levaram a ele, e o que este ocasiona no sector, dentre outras indagações. Este trabalho faz-se importante pelo facto de não haver uma vasta coletânea de publicações sobre o tema. Ora, uma vez que o Brasil trata-se do principal produtor laranja do mundo, é um tema que deveria estar mais em evidencia, mais em pauta.

A partir da premissa de existência do oligopólio na produção, buscou-se, após explicar a teoria de mercado, a partir de artigos e publicações científicas e diversos dados confirmar a existência de tal estrutura. Ainda que o tema central desta monografia não tenha sido tratado com exatidão nestas publicações tomadas, isto é, a questão do oligopólio na citricultura em si não tenha sido amplamente esmiuçado, diversos autores, e até mesmo os materiais publicados pelas associações em torno da laranja, puderam confirmar a existência deste tipo de soberania no sector. Com 12 artigos em mãos, definidos através de um criterioso método de seleção, foram apresentadas as abordagens econômicas da citricultura e a relação do sector com a questão do oligopólio, sempre ficando evidente a presença deste. Posteriormente, procurou-se relacionar os artigos com as demais publicações selecionadas acerca do tema.

Passada a confirmação da hipótese através de dados e artigos, fora apresentada uma entrevista direta com quem participa ativamente do sector: os citricultores. Estes afirmam existir uma situação oligopolista no sector.

O facto de o sector laranja com suas indústrias processadoras ser demasiadamente concentrado, ou seja, apresentar a estrutura de oligopólio, com apenas três grandes empresas dominando a grande maioria do mercado, é tido como um atributo negativo, haja visto que sintetiza, e muito, as opções de comercialização ao produtor, prejudicando-o. Tal factor acaba tornando a relação entre o produtor e a indústria seja marcada por atritos, tornando o sector conflituoso. Ainda assim, pode-se dizer que as grandes industriais saem vencedoras nesta rixa. Segundo os próprios citricultores, a concentração presente

acaba por afetar a rentabilidade dos produtores, uma vez que, se houvessem mais empresas para escoar a produção, a disputa por matéria prima seria maior, e conseqüentemente geraria melhores remunerações. Quem mais prejudica-se e por vezes se veem forçados a abandonar a atividade são os agricultores familiares, os pequenos e os médios produtores.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Citricos – CITRUSBR (2020),
www.citrusbr.com

BARBOSA, G. R., GITAHY, L. (2016). *Pragas e Doenças: Controvérsias na Constituição da Cadeia Produtiva da Laranja no Estado de São Paulo dos Anos 1930 aos 2000.*

BESANKO, D. & BRAEUTIGAM, R., *Microeconomia: Uma Abordagem Completa.* 2º Edição.

BOUROULLEC, Melise, PAULILLO, Luiz Fernando (2010). *Governanças Híbridas Complementares aos Contratos no Comércio Justo Citrícola Internacional.*

Canal Rural (2016), *Citricultura é o setor agro que mais emprega em São Paulo.*,
www.canalrural.com.br/noticias/agricultura/citricultura-setor-agro-que-mais-emprega-sao-paulo-64432

CARRER, Marcelo, SOUZA FILHO, Hildo (2015). *Economias de Escala e Eficiência Econômica na Produção de Laranja no Estado de São Paulo*

CARRER, Marcelo, SOUZA FILHO, Hildo (2017). *Efeito de Ajustes Contratuais sobre a Eficiência de Custo de Propriedades Citrícolas do Estado de São Paulo.*

CARVALHO, Murilo, PAULILLO, Luiz Fernando (2017). *Evolução das Relações Contratuais na Perspectiva dos Citricultores: um Estudo de Múltiplos Casos de Contratos entre 1978/79 a 2011/2012.*

CLEMENTE, Felipe, MACIEL GOMES, Marília F., LÍRIO, Viviani (2015). *Análise da Eficiência Técnica de Propriedades Citrícolas do Estado de São Paulo.*

Conselho Administrativo de Defesa Econômica – CADE (2016). *Cade celebra acordos em investigação de cartel de compras de laranja.*,

Coordenadoria de Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo – CDA (2016)

COSTA, Cássia Kely, MAIA, Sinézio, SAMPAIO, Luciano (2012). *Exportações Brasileiras de Suco de Laranja e Subsídios Americanos: uma Análise Empírica de Estratégias Comerciais (1991-2006).*

FIGUEIREDO, Adelson, SOUZA FILHO, Hildo, PAULILLO, Luiz Fernando (2013). *Análise das Margens e Transmissão de Preços no Sistema Agroindustrial do Suco de Laranja no Brasil.*

ITO, N., ZYLBERSZTAJN, D. (2014). *Incremento da Integração Vertical Parcial no Setor Citrícola Paulista: Poder e Custos de Transação.*

ITO, N., ZYLBERSZTAJN, D. (2016). *Power and Selection of Contract Terms: The Case from the Brazilian Orange Juice Sector.*

KALAKI, Rafael, NEVES, Marcos (2017). *Plano Estratégico para o Sistema Agroindustrial Citrícola Brasileiro*

KUPFER, David e HASENCLEVER, Lia. *Economia Industrial: Fundamentos Teóricos e Práticas no Brasil.* 2002

LABINI, Paulo Sylos. *Oligopólio e Progresso Técnico.* 1980.

MARINO, Matheus, AZEVEDO, Paulo (2003). *Avaliação da Intervenção do Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência no Sistema Agroindustrial da Laranja.*

MELLO, Fabiana, PAULILLO, Luiz Fernando (2009). *Análise do Alinhamento entre os Atributos das Transações e as Formas de Governanças Empregadas na Citricultura.*

MELLO, Fabiana, PAULILLO, Luiz Fernando (2010). *Formas Plurais de Governança no Sistema Agroindustrial Citrícola Paulista*.

MENDONÇA DE BARROS, José R. e MENDONÇA DE BARROS, Alexandre R. *O Mercado da Citricultura no Brasil e suas Novas Perspectivas*.

NEVES, Marcos F., TROMBIM, Vinicius G., KALAKI, Rafael B. e FONSECA LOPES, Frederico. *A Laranja do Campo ao Copo*. 2010

PALMIERI, Fernanda, BOTEON, Margarete (2018). *A Percepção do Citricultor sobre a Indústria Paulista de Suco de Laranja: Parceria ou Conflito?*

PAULILLO, Luiz Fernando (1999). *Terceirização e Reestruturação Agroindustrial: Avaliando o Caso Citrícola Brasileiro*.

PAULILLO, Luiz Fernando, NEVES, Marcos F. (2015). *Análise das Estruturas de Governança de Compra de Laranja dos Maiores Packing Houses no Estado de São Paulo: um Estudo Multicascos sobre Arranjos Híbridos*.

PINDYCK, R. & RUBINFELD, D.L. *Microeconomia*. 7ª Edição. SP: Pearson Prentice Hall, 2010.